

# O RESGATE DA INTEGRALIDADE DO SER HUMANO A PARTIR DA CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO<sup>1</sup>

Gerusa Dumont de Rezende<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6448-7298>

Universidade de Uberaba, Brasil.

[gerusadumont@yahoo.com.br](mailto:gerusadumont@yahoo.com.br)

Bolsista da CAPES/PROSUP/TAXA

## INTRODUÇÃO

Edmund Husserl (1859-1938), precursor da fenomenologia, propõe a partir da descrição da forma rigorosa, alcançar a essência do fenômeno. De acordo com Mahfoud e Massimi (2013, p. 34) “[...] o ponto de honra da fenomenologia não é dar explicação ou interpretação, mas descrever o modo como nos relacionamos com tudo e isso significa entender como as coisas aparecem para nós e como as dotamos de sentido.”. A fenomenologia contribuiu com a pesquisa, seja na área educacional, no campo da saúde e demais áreas, uma vez que não possui um arcabouço teórico ou uma “verdade pré-concebida” para explicar um dado fenômeno. Suprimir o ponto de vista, também o julgamento, para observar como o fenômeno se manifesta, não explicando o mesmo, posiciona o pesquisador como um bom ouvinte dos relatos dos participantes da pesquisa ao

---

<sup>1</sup>DOI - 10.29388/978-65-81417-97-0-0-f.235-252

<sup>2</sup> Aluna bolsista do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade de Uberaba (UNIUBE), (2022-2026). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Código de Financiamento 001.

descrever suas experiências e vivências.

Ao adentrar em um universo particularizado, a fenomenologia rompeu com uma “[...] mentalidade objetivista sobre as ciências como um todo. As ciências, cuja preocupação são os fatos da natureza, não incluem a subjetividade em seus trabalhos; as denominadas ciências do espírito.” (KAHHALE, 2011, p. 181). O conhecimento como um todo não pode ser compreendido por intermédio da objetividade, assim como a subjetividade não pode ser negada pela ciência. A partir desse universo mais abstrato tornou-se possível a compreensão do ser humano em seus vários aspectos, isto é, as esferas bio-psico-espiritual e social desse ser. A pesquisa científica volta agora o olhar para o homem de forma integral.

Dessa forma, torna-se oportuna a discussão sobre o impacto da fenomenologia em especial no campo da saúde e da educação.

## **A ESTRUTURA DO SER HUMANO NA CONCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA E REPERCUSSÕES NO ÂMBITO DA SAÚDE E NA EDUCAÇÃO**

A busca pelo fenômeno em qualquer estudo não se apoia em um objeto definido de antemão ou explicado por meio de associações entre causa e efeito ou mesmo algo mensurado. A fenomenologia, ao se orientar em descrever o fenômeno tal como ele se manifesta, permite uma nova constituição para o ser humano, seu universo, sua subjetividade ao adentrar na interioridade humana e ao mesmo tempo considerando o ser humano como um todo, o que o define como pessoa humana. De acordo com Mano e Costa (2017, p. 31)

Husserl funda a Fenomenologia. O seu principal questionamento dizia respeito ao fato de o homem não ser constituído apenas de um corpo físico. [...] Era necessário desenvolver uma metodologia tão rigorosa quanto à científica, mas que alcançasse todos os aspectos

do homem.

A fenomenologia propõe, portanto, a compreensão do homem em sua integralidade. O equilíbrio entre o cuidado físico e psicológico, a capacidade do ser humano em refletir sobre sua existência, de realizar suas escolhas por meio de sua liberdade, em dar um sentido para sua vida, de responder de forma eficaz aos seus relacionamentos – dentre outros aspectos, podem ser desenvolvidos pelo método científico, por intermédio da fenomenologia. Complementando esse pensamento, segundo Mahfoud e Massimi (2013, p. 171):

Tanto Edmund Husserl quanto Edith Stein procuram conhecer o ser humano na sua estrutura essencial, ou seja, na sua estrutura ontológica. Para que este conhecimento seja realizado com precisão e rigor, os filósofos partem da análise das vivências e, utilizando o método fenomenológico, constataam que os seres humanos são formados a partir de três dimensões: corpo, psique e espírito. [...] A ciência que estuda estas vivências do corpo, da psique e do espírito de forma integrada é a fenomenologia.

Dessa forma, rompe-se com uma perspectiva reducionista do ser humano. A partir deste olhar fenomenológico abriu-se novas reflexões para a área da saúde e da educação. No âmbito educacional a abrangência da pessoa do aluno como um todo, não apenas a primazia do contexto intelectual, assim como uma nova visão da mesma forma na área da saúde; o bem-estar em harmonia com a dimensão física, psíquica, espiritual e social.

Seja o aluno ou o paciente, quando passa a ser considerado como uma pessoa única, enaltecida pelo mundo interno e sua disposição ao mesmo tempo de abertura ao outro, assim como para a busca do sentido de sua vida, é capaz de contribuir a partir das qualidades e potencialidades que são únicas em sua pessoa no contexto em que está inserido. Esse ser humano que age, que contribui, que possui uma autonomia dentre outros

aspectos, é capaz de transformar uma realidade particular, que se amplia em um contexto para o global. Dessa forma o aluno ou o paciente não é um ser passivo, mas um ser de possibilidades, de liberdade, de um vir a ser aquilo que é, quando valorizado e considerado em sua integralidade.

Muitos estudos na área da saúde que, anteriormente, focavam o ser humano apenas como um ser biológico, passaram a reconhecerem e acolherem a ideia de que o homem é muito mais do que um corpo. De acordo com Sgreccia (2009, p. 163), “[...] o mais recente paradigma relacional da saúde adota um modelo interpretativo biopsicossocial da doença, mais do que exclusivamente biomédico, que é considerado redutor.”. O corpo também “fala” por meio do seu adoecimento, quando não há uma busca pelo equilíbrio das emoções e da saúde mental e espiritual, quando não se exercita também a capacidade relacional, uma vez que somos um ser social.

Como evidencia Minayo (2014, p. 101), os princípios da fenomenologia interviram na área da saúde no que tange ao

[...] surgimento de linhas holísticas na concepção da saúde e da doença, unificando-as nos seguintes pontos:

(a) a saúde tem de ser pensada como um bem-estar integral: físico, mental, social e espiritual; (b) os indivíduos devem assumir sua responsabilidade inalienável diante das questões de sua saúde; (c) as práticas da medicina holística devem ajudar as pessoas a desenvolver atitudes, disposições, hábitos e práticas que promovam seu bem-estar integral; (d) o sistema de saúde deve ser reorientado para tratar das causas ambientais, comportamentais e sociais que provocam as doenças; (e) as pessoas devem voltar-se para a harmonia com a natureza.

A concepção holística de saúde e suas contribuições, proposta a partir da visão da fenomenologia, abrange o ser humano por completo, englobando também o aspecto de sua autonomia e responsabilidade perante seus posicionamentos na busca pela saúde, em harmonia com o

ambiente em que se encontra inserido, assim como a contribuição da natureza para o bem-estar integral do homem. Complementando o aspecto da responsabilidade, atrelando ao aspecto ético, Sgreccia (2009, p. 159) reflete que a

[...] dimensão ética da saúde radicada no espírito do homem e na sua liberdade: muitas doenças resultam de opções éticas erradas (droga, alcoolismo, violência, privações dos bens necessários à saúde); além disso a saúde é gerida responsabilmente, no equilíbrio, pela pessoa, como um bem da própria pessoa.

O homem, pela sua liberdade e capacidade de se posicionar, pode escolher caminhos contrários ao seu bem-estar integral. Nesse momento, o contexto comunitário no que se relaciona tanto à prevenção quanto ao tratamento, ajuda a resgatar muitas vezes esse ser humano que se encontra adoecido como pessoa.

Estamos ainda atravessando a pandemia da COVID-19, podemos refletir como o esforço também de profissionais de diversas esferas como a área da saúde, pesquisadores, área tecnológica dentre outros, contribuíram para trazer à população uma vacina, vencendo em grande parte essa crise sanitária. Ademais, ao contexto interdisciplinar, cada área do conhecimento contribuiu para melhor compreender esta doença e suas consequências ao ser humano, bem como medidas preventivas. Dessa forma, não podemos favorecer uma área da ciência em detrimento de outra. Em situações como essa, o olhar de uma disciplina amplia ou favorece a criação de recursos para a solução que, em unidade com demais saberes, pode traçar novos caminhos. O mesmo se dá com relação ao ser humano. Não podemos favorecer apenas um de seus aspectos e negligenciar os demais. Ao expandir a visão para o todo, encontramos o ser humano por completo e reconhecido em sua dignidade como pessoa.

Necessitamos recordar que a ética está pautada em práticas con-

cretas. Sgreccia (2009, p. 160) também pontua a “[...] degradação da ecologia como fator de ameaça para saúde no que diz respeito a um grande conjunto de doenças.”. Há algumas décadas o recurso medicamentoso provinha da própria natureza, hoje com o avanço industrial a migração da população para grandes centros urbanos gerou a perda desse contato mais íntimo com a natureza, bem como a partir do descuido pela mesma, problemas ambientais como a poluição e problemas sanitários que atingem diretamente a saúde têm sido frequentes. A educação sanitária e ecológica precisam ser inseridas e resgatadas ao refletirmos sobre a saúde em seu contexto holístico.

Do mesmo modo, no que tange a psicologia, houve um avanço quando aponta que o homem está além de um aparelho psíquico. Para Sigmund Freud o funcionamento mental, bem como as raízes dos sofrimentos humanos, são pré-estabelecidos por vivências principalmente presentes na fase infantil, que determinam mais tarde as atitudes, comportamentos e relacionamentos que construímos ao longo da vida. De acordo com Feist e Roberts (2015, p. 43) essa visão pode ser vista como um

[...] determinismo versus livre-arbítrio. Segundo essa dimensão, a visão de Freud da natureza humana recairia facilmente no determinismo. Freud acreditava que a maior parte de nosso comportamento é determinada por eventos passados, em vez de moldada por objetivos presentes. Os humanos possuem pouco controle sobre suas ações presentes, porque muitos de seus comportamentos estão enraizados nos esforços inconscientes.

Freud com certeza foi um pioneiro ao estudar a mente humana e construir uma teoria da personalidade. Em contraposição, ao mergulhar na vida mental, não priorizou as demais esferas do homem, aprisionando então o mesmo em suas experiências que não foram positivas em seu período infantil, priorizando seus impulsos sexuais e agressivos, assim como as lembranças reprimidas por meio do inconsciente humano. A

liberdade humana e também a responsabilidade do homem frente a sua vida e sua história ficam limitadas dentro dessa visão psicanalítica.

Segundo Alles Bello (2006, p. 54), Husserl não desconsidera a importância do inconsciente, mas o homem está para além do mesmo, por meio de sua dimensão espiritual:

Husserl observa que a vivência psíquica, considerada como dimensão propriamente psíquica, dimensão do inconsciente é importante, mas o ser humano tem também uma dimensão espiritual. Ele não é totalmente comandado pela dimensão psíquica, por isso pode e deve ativar a dimensão espiritual. E este é também um fundamento da vida moral, que implica em responsabilidade e liberdade.

A fenomenologia amplia a visão da psicologia, compreendendo a pessoa humana em todos os seus aspectos, assim como não pré-estabelecendo uma teoria a qual se alicerça e enfatiza apenas o comportamento humano e a vida mental. O ser humano, por ter a dimensão espiritual, é livre para se reposicionar, para realizar novas escolhas, de reconstruir sua própria história para além de seus sofrimentos vivenciados no seu passado.

De acordo com Mahfoud (2019, p. 108), Husserl realiza uma crítica a psicologia “[...] no texto ‘Fenomenologia e Psicologia’ que foi elaborado para a publicação por Edith Stein. Nessa obra, encontramos a expressão ‘psicologia sem alma’ retratando a visão reducionista do ser humano que ainda hoje merece ser superada [...]”. Experimentamos atualmente um paradoxo: à medida que crescem os recursos tecnológicos, auxiliando a pesquisa e demais áreas, assim como novas disciplinas que se ocupam da natureza humana e suas especializações, acentua-se atualmente a perda da identidade do próprio homem.

Ao adentrarmos no âmbito educacional, apesar de averiguarmos que cada ser humano é único, cabe enxergar também a partir da singularidade o aluno como um todo. De acordo com Cunha Júnior (2020, p. 4),

O entendimento de homem – dimensão antropológica – numa concepção fenomenológica de educação deve ser aquela que conserva todas as dimensões do humano. Assim sendo, ele não pode ser reduzido a um único aspecto, seja ele corporal ou espiritual; individual ou social; teórico ou prático.

Ainda hoje percebemos uma primazia com relação ao aspecto intelectual, abarcando não apenas a busca pelo conhecimento teórico, bem como as práticas pedagógicas, como o processo avaliativo, pautado apenas na memorização de conteúdos ministrados. Outras esferas da pessoa humana são negligenciadas, corroborando para que o aluno tenha excelentes notas em detrimento ao fraco desenvolvimento emocional, social e demais áreas. Dessa forma não se contribui também para a construção de cidadãos humanizados, ao mesmo tempo preparados para os desafios e circunstâncias da vida. Ainda segundo Cunha Júnior (2020, p. 5)

[...] a educação, numa concepção fenomenológica, em sua relação com o conhecimento – dimensão epistemológica – deve se opor a qualquer forma de dogmatismo [...] manter-se em uma atitude de constante busca.

Não há como nos fecharmos apenas em uma teoria. Para isso, como nos ensina a fenomenologia, temos que renunciar mais uma vez às nossas ideias já formadas e julgamentos, para irmos em busca de outros saberes e aprendizados, ampliando nosso conhecimento.

Faz-se também necessária, em harmonia com o pensamento fenomenológico, a contribuição das vivências. De acordo com Fernandes (2013, p. 74), “[...] pela fenomenologia é possível o enlace do mundo da ciência ao mundo da vida, reconhecendo a educação como uma experiência humana.”. Os saberes são conteúdos importantes a serem considerados a partir da visão de mundo do aluno e seu posicionamento perante o mesmo. Há, portanto, uma valorização também da experiência vivida pelo aluno, que muitas vezes pode-se atrelar à teoria e à prática, facilitando o



processo de aprendizagem.

Uma das lições da pandemia da COVID-19 foi evidenciar como somos seres sociais e por isso a importância de cultivar nossos relacionamentos nas mais diversas áreas. Uma vez que o isolamento social fora implantado, comprovou-se um adoecimento na esfera psíquica da população, refletindo no universo dos alunos conforme retrata Teixeira (2022) em sua pesquisa. O objetivo de tal pesquisa é verificar a prevalência de sintomas de sofrimento psíquico em estudantes do curso de Medicina durante a pandemia da COVID-19. De acordo com Teixeira (2021, p. 27), 62,8% dos participantes evidenciaram sinais de,

[...] adoecimento mental e é possível correlacionar isso com os sentimentos de solidão, ansiedade e apatia sentidos durante o contexto de pandemia, uma vez que são consequências em tal cenário de isolamento social. Gradativamente, é capaz de surgir sentimentos crescentes de depressão e estresse, especialmente durante um período de incerteza, podendo haver sérios impactos na saúde pública.

A vivência pandêmica também nos trouxe como lição o desafio de adentrar na interioridade humana do aluno de forma empática, a fim de não apenas resgatar esse conhecimento interior, como também constatar como se encontra esse universo interno, que poderá facilitar ou bloquear o processo de ensino e aprendizagem, mediante os problemas de ordem emocional.

De acordo com Sberga (2014, p. 146), “[...] chegar às coisas mesmas e chegar ao educando mesmo é o interesse da pedagogia, enquanto visa processar uma formação que seja adequada à sua realidade e conforme a sua singularidade.” Tornar a prática pedagógica um exercício de observação e, por hora de intervenção no universo do aluno em sua integridade, assim como respeitando sua singularidade, torna-se uma grande tarefa por parte do educador. Por certo, acarretará por consequência, um grande aprendizado e amadurecimento por parte desse aluno, por efeito.

Segundo Alles Bello (2006, p. 43), o aspecto espiritual quando classificado em “[...] baixo grau, acarreta dificuldade para refletir, avaliar, decidir e controlar-se. Resultado: dificuldade para controlar impulsos, emoções (sic) etc.”. As decisões partem da dimensão espiritual e refletem no psiquismo, quando não há essa harmonia, se tem por efeito um “descontrole emocional” que, por consequência, poderá afetar no processo de ensino e aprendizagem. Assim como Mahfoud e Massimi (2013), o desenvolvimento espiritual com o equilíbrio psíquico permite a pessoa agir com autonomia, o desenvolvimento da autonomia, assim como do autocontrole – inclusive emocional, ligada ao controle dos impulsos e o senso de responsabilidade são aspectos que contribuem para o aprofundamento da aprendizagem, da ampliação do universo da compreensão e do amadurecimento da pessoa humana.

Atualmente evidencia-se a importância da humanização na área da saúde, da mesma forma, devemos discutir a importância da humanização na área educacional. Para Fernandes (2013, p. 80), “[...] ser professor em uma visão fenomenológica é na sua atitude profissional, assumir o homem e toda a sua complexidade, promovendo uma educação humana e significativa.”. Relevante aspecto se dá na relação professor-aluno, permitindo a construção de um aprendizado em conjunto, promovendo um clima humano e facilitador. Em comunhão com Sberga (2014, p. 147), tem-se que:

Para formar a pessoa, em primeiro lugar, é preciso conhecê-la, e isso se faz com um procedimento vivencial. É preciso colocá-la na maneira mais viva possível e fazer a experiência do ser aqui. Para analisar algo, é necessário partir sempre de si mesmo. O ser humano começa a análise olhando para dentro de si, para conhecer sua estrutura.

O professor ensina muitas vezes a partir daquilo que ele é, necessita haver então uma harmonia entre seu discurso teórico e sua vivência

prática, que é um movimento para além do currículo. De acordo com a Faculdade Dehoniana (2016, p. 326), “[...] continuamos a ser educadores também (e sobretudo) quando descemos da cátedra: então os jovens irão perceber que o testemunho de vida do professor é desarmante, isto é, autêntico até o fim.”. Nos expressamos, muitas vezes, não apenas pela comunicação verbal, mas a partir de uma comunicação interna, que se manifesta a partir do que somos interiormente e nos posicionamos externamente em nossas vidas. Essa forma de educar também deixa uma marca no aluno, que muitas vezes o impulsiona em sua vida, a partir de um modelo identificado por parte do professor.

De acordo com Mahfoud e Massimi (2013, p. 171) “[...] todo ato pedagógico que não tem por princípio a formação integral da pessoa leva à despersonalização.”. Em consonância com tal pensamento, a partir dessa breve reflexão, percebe-se um enriquecimento, fruto da contribuição da fenomenologia, quando podemos considerar o ser humano com um todo, seja na área da saúde ou na educação.

## **A CONSTRUÇÃO DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR OU ACADÊMICA**

Atualmente tem-se crescido a questão da violência, não apenas física, mas também, a violência psicológica em várias esferas da sociedade, sendo o bullying no ambiente escolar como uma dessas realidades. Estudos sugerem a criação de um ambiente escolar onde há o fortalecimento de atitudes de empatia, pautadas na ética e competências socioemocionais, a fim de beneficiar e prevenir a violência escolar. Uma dessas pesquisas, proposta por Ricci e Santos (2021), constatou que a construção desse ambiente sadio não apenas é uma maneira preventiva quanto ao combate ao bullying, quanto no favorecimento do processo de aprendizagem e na

construção presente e futura de uma sociedade mais humana e cidadã.

Na atualidade, há uma urgência do resgate da capacidade do ser humano de se relacionar, de aprender a conviver juntos a outros e a compartilhar as diferenças. Segundo Alles Bello (2006, p.73): “Husserl e Stein acreditam que a organização que respeita a pessoa se chama comunidade. A comunidade é caracterizada pelo fato de os seus membros assumirem responsabilidades recíprocas.”. A escola necessita desenvolver a construção da pessoa humana a partir de um ambiente comunitário, culminando em um cidadão participativo, responsável, respeitoso, aberto as diferenças culturais, religiosas, políticas, dentre outros aspectos.

Aprendemos a nos relacionar primeiramente no ambiente familiar, a partir dessa construção levamos essa experiência para nossas futuras relações, que se estendem nas primeiras experiências escolares e posteriormente acadêmicas. Tais vivências e experiências alargam nossa visão de mundo, bem como o universo de nossas relações. Presenciamos hoje inúmeros problemas vividos no âmbito familiar. De acordo com a experiência clínica, atuando no serviço psicológico, Antúñez e Safra (2018, p. 54) revelam que “[...] a mudança de foco do sintoma – problema de aprendizagem – para o sofrimento psíquico de famílias e crianças com inibição intelectual trouxe à baila as dimensões éticas e não apenas as da teoria e da técnica.”. O abalo na estrutura familiar repercute no bloqueio do processo de aprendizagem, a escola ao desenvolver a importância de cada aluno como membro da comunidade escolar, assim como no ensino da liberdade juntamente com a responsabilidade de cada um, favorece na desconstrução das vivências psíquicas não favoráveis vivenciadas no seio familiar. Assim como, no diálogo com a psicologia e a educação, como percebe-se, se faz necessário atualmente não apenas no âmbito do processo de ensino e aprendizagem, mas na construção do ser humano

como um todo. A interioridade de cada aluno sendo resgatada resultará nas qualidades de suas relações, sejam essas escolares ou não, assim como de futuros cidadãos e profissionais.

A construção de uma comunidade escolar também perpassa no relacionamento entre professor-aluno, a qualidade desse relacionamento decorre de um clima favorável, afetuoso, de diálogo e abertura, transformando o ambiente escolar em um espaço caloroso e colaborativo. Dessa forma, o professor ensina, por meio do seu jeito de ser também como pessoa, tornando-se um agente importante e cativante na construção de uma comunidade humanizada. A vivência dessa relação oportuniza ao aluno também a ampliação dessa relação em suas relações presentes e futuras.

A educação, por muitas vezes, necessita dialogar também com a sociologia para melhor compreender o movimento social contemporâneo. Conforme retratado por Bauman (2004), estamos vivenciando atualmente as relações líquidas, não há um vínculo mais profundo nas relações humanas. Dessa forma, o ambiente escolar necessita provocar no aluno a importância de um trabalho colaborativo, a parceria com o outro, o espírito de amizade, de respeito, do bem comum e assim por diante. Ao reaprender sobre a importância do outro, estamos construindo desde a base escolar bons cidadãos e futuros profissionais.

De acordo com Alles Bello (2006, p. 81), “[...] nós encontramos o conceito de comunidade em muitos níveis, já que o elemento que a caracteriza é sempre o da unidade espiritual, cultural e da vontade coletiva.”. Novamente necessitamos de um agir integrado, a singularidade de cada membro deve ser apontada como motivo de respeito, a cultura de cada um por sua vez cuidada. Essa coerência entre valores e atitudes precisam permear o contexto escolar ou acadêmico na construção de um ambiente sadio, para que haja uma aprendizagem mais ampla, isto é para a vida!

Em consonância com Mahfoud e Massimi (2019, p. 48), “[...] para entrar na realmente no mundo interno de alguém, requer-se uma troca espiritual.” Husserl enfatizou a importância do desenvolvimento da vida espiritual, alertando que somos um conjunto a partir das dimensões: física, psíquica e espiritual. Essa visão se torna atual, uma vez que aos poucos a educação socioemocional tem sido apontada dentro do contexto educacional. Conforme revela Sberga (2014, p. 258):

É preciso uma didática e um currículo organizados de modo que os alunos tenham liberdade para expressar suas ideias e impressões, verbalizar o que está contido em seus corações, pois esse tipo de abertura é a base para gerar a confiança, algo desejável e necessário em todo trabalho formativo.

Contudo, a esfera espiritual pouco é mencionada, em contrapartida percebe-se atualmente a necessidade de discutir sobre o sentido da existência, da contribuição de cada um para a humanidade, sobre o exercício de amar o próximo, como também reflete Bauman (2004), dentre outros aspectos. Alles Bello (2015, p. 130) complementa tal pensamento

[...] quando prevalece o amor espiritual, a comunidade acontece. O ódio propicia a eliminação do outro, fragmentando a comunidade. Para Stein o amor espiritual abre o caminho para uma postura moral. O que significa que há uma postura moral? Significa fazer ações que servem para melhorar o outro, tornar mais positivo o outro.

A construção de uma comunidade escolar perpassa em trabalho colaborativo, da valorização do outro e do seu mundo, a partir da construção de um clima de ajuda mútua, do incentivo à solidariedade, do desenvolvimento do trabalho em equipe, dos vínculos que se desenvolvem a partir do relacionamento humano que são resgatados, do aprimorando a capacidade de relacionamento, do compartilhamento do conhecimento e a construção do processo de aprendizagem. Essas aprendizagens precisarão estar contidas, futuramente, no universo profissional de cada aluno.

É nesse exercício da capacidade de amar, por meio da convivência

e dos desafios que estão inseridos através do convívio entre pessoas de diferentes raças, crenças, históricos familiares e sociais diferentes dentre outros aspectos, que o aluno amadurece sua estrutura pessoal e afetiva, promovendo também um crescimento e um amadurecimento no amor. A propagação e reflexão dessa esfera espiritual, deve ser uma proposta educacional pois, dessa forma, pode-se também chegar melhor à condição da humanização dentro das escolas e universidades, pois ao estabelecermos vínculos mais profundos, estaremos resgatando o contexto verdadeiro de uma comunidade escolar ou acadêmica.

Uma visão integrada do homem nas pesquisas em educação deve conter também um entrelaçamento da antropologia – ciência que estuda o ser humano e suas diversidades étnico-sociais e a sociologia – sobre a vida nas comunidades, com seus estudos relacionados a educação. Dessa forma, com esse olhar ampliado e não fragmentado, tem-se a intenção de visualizar o homem como um todo, proposta essa do pensamento da fenomenologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em qualquer ciência se tem um caminho, um percurso a seguir. Dessa forma, precisamos inicialmente desenvolver habilidades para construção do conhecimento, tal qual um desafio e principalmente uma busca pessoal pelo mesmo. De acordo com Gabriel (2020, p. 97) “[...] as ferramentas para a quebra dos velhos paradigmas são a educação e o conhecimento científico pautados na crítica e na autocrítica, que impulsionam a criação de novos conhecimentos.”. Em meio a essas duas “asas”, o campo da educação e a epistemologia, que nos abriu olhares para suas matrizes epistemológicas que fundamentam a pesquisa em educação, elegeu-se o pensamento fenomenológico para essa reflexão.

A fenomenologia, por meio da sua descrição de forma rigorosa,

pôde abranger o fenômeno, seja ele de qualquer natureza do ser, pela forma que esse se manifesta. Possibilitou-se, a partir do pensamento de Husserl, “[...] ao homem atingir leis universais e verdadeiras sobre ele mesmo, o mundo e o conhecimento.” (KAHHALE, 2011, p. 178). Tal metodologia tornou-se universal no campo da ciência. Torna-se importante considerar que qualquer pesquisa se fundamenta em uma base epistemológica, sendo a fenomenologia uma dessas, contudo existem outras também utilizadas em pesquisas científicas.

Conforme constatamos nesse capítulo, em comunhão com Mahfoud e Massimi (2019, p. 31), “[...] coube a Edmund Husserl criar o método da fenomenologia, tal como nos interessa conhecer agora, com a finalidade de tratar do tema da matéria e da alma.”. Dessa forma, há uma compreensão do ser humano em todos os seus aspectos, adentrando a existência humana, seja no campo da saúde, da educação e demais áreas, possibilitando ser estudado o fenômeno considerando sua subjetividade e unicidade.

## REFERÊNCIAS

- ALLES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.
- ALLES BELLO, A. **Pessoa e comunidade: psicologia e ciências do espírito de Edith Stein**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.
- ANTÚNEZ, A. E. A.; SAFRA, G. **Psicologia clínica da graduação à Pós-Graduação**. 1.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.



FACULDADE DEHONIANA. **O pensamento de Edith Stein – escritos críticos**. Taubaté - SP:TQ Teologia em Questão, 2016.

FEIST, J.; FEIST, G.; ROBERTS, T.-A. **Teorias da personalidade**. 8. ed. Porto Alegre: AMGM, 2015.

FERNANDES, R. do S. da S. R. **Ser orientador de programas de pós-graduação em educação: uma descrição fenomenológica**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4060>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GABRIEL, R. S. N.; MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. **Revista Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 28, n. 29, p. 97-98, outubro, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v28n29/09.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

CUNHA JUNIOR, W. N. da. Fenomenologia e educação: da consciência ingênua à consciência engajada. *In*: IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS, 2020, Maceió. **Anais IX Encontro Alagoano de pesquisa educacional (EPEAL)**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2020. p 1-9. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/ixepeal/trabalho/123744>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MAHFOUD, M. (org.). **Psicologia com alma: a fenomenologia de Edith Stein**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2019.

MAHFOUD, M.; MASSIMI, M. (orgs). **Edith Stein e psicologia: teoria e pesquisa**. 1. ed. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

MANO, R. de P.; COSTA, L. I. da. **Vivências espirituais e crises do tipo psicóticas: fenomenologia, espiritualidade e crise psíquica**. Curitiba:

ba: Juruá, 2017.

MINAYO, M. C. de S. de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2014.

KAHHALE, E. M. P. (org.). **A diversidade da psicologia: uma construção teórica.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RICCI, T. F.; SANTOS CRUZ, J. A. O desenvolvimento das competências socioemocionais em alunos da educação básica como ferramenta de combate ao “bullying” nas escolas. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 32, n. 00, p.1-18, Jan./Dez.2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/9116>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SBERGA, A. A. **A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento no núcleo interior.** São Paulo: Paulus, 2014.

SGRECCIA, E. **Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica.** Portugal: Principia, 2009.

TEIXEIRA, L. de A. C. et al. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da *coronavirus disease* 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1 p. 21-29, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000315>. Acesso em: 06 jul. 2022.